

A “xorca” da serra das Ripas (Alenquer)

João José Fernandes Gomes *
José Batista Barreto Domingos *

Resumo

Estuda-se uma “xorca” encontrada isolada nos arredores de Alenquer, que os autores classificam, cronologicamente, nos finais da Época do Bronze, relacionando-a com outros artefactos semelhantes encontrados na península Ibérica. Faz-se uma análise de todas as peças de que tem conhecimento e que consideram de igual tipologia, cartografando os locais onde, artefactos semelhantes foram achados. Esboça-se uma análise crítica de cronologias e conceitos tipológicos considerados por outros Autores.

Conclui-se a nótula com a apresentação de uma listagem bibliográfica que consideram exhaustiva.

Résumé

Les auteurs ont étudié une “xorca” trouvée isolée aux alentours d’Alenquer, qu’ils ont classifié au final de l’Âge du Bronze, la rapportant à d’autres pièces du même type trouvées dans la Péninsule Ibérique. Ils ont fait une analyse de toutes les pièces connues et typologiquement semblables, aussi bien que la cartographie des sites. Le texte est une analyse critique des chronologies et concepts typologiques considérés, au préalable, par d’autres auteurs. Ce texte présente encore toute la bibliographie connue.

* Museu de Alenquer.

1. Desde que nos foi entregue a responsabilidade de reestruturar e de, posteriormente, orientar o Museu Municipal “Hipólito Cabaço”, de Alenquer, procurámos enriquecê-lo com novos objectos, privilegiando, como seria lógico, a obtenção de peças recolhidas na região.

Como consequência de um intenso trabalho de recolha no campo e da procura de ofertas de objectos na posse de particulares, foi possível preservar muitos deles que, de outro modo, estariam perdidos ou que, na melhor das hipóteses, dariam entrada em outros museus, quando não afastados do seu meio natural ambiente ou vendidos para fora do País, enfraquecendo ainda mais o nosso escasso património arqueológico.

Devido às condições muito especiais do edifício onde está instalado o Museu de Alenquer, os materiais provenientes de novas recolhas não estão ainda patentes ao público, porquanto a sala de exposição é, por de mais pequena para conter os elementos considerados mais representativos ou didácticos da Colecção Cabaço.

Se muitas das peças recentemente entradas no museu são dignas de estudo, uma delas, obtida por oferta ¹, é, devido a vários factores, merecedora de divulgação imediata.

Trata-se de uma “xorca” de bronze (figs. 1 a 3) com 12 pendentos ou “sanguessugas”, que foi oferecida pelo Exmo. Sr. Manuel Inácio Rodrigues, que a havia recolhido, há vários anos, numa sua propriedade, quando procedia a trabalhos de surriba para plantio de vinha ².

Note-se o extraordinário bom estado físico de conservação, embora apresente forte oxidação, de intensa tonalidade verde.

¹ Ofício n.º 195-12/78 do Museu Municipal Hipólito Cabaço, de 16-12-1978.

² Por lamentável lapso, quando da cedência da xorca para figurar na exposição “A Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura”, inaugurada no M.N.A.E. em Novembro de 1980, foi indicada a sua proveniência como sendo da serra das Vides, quando deveria ser serra das Ripas.

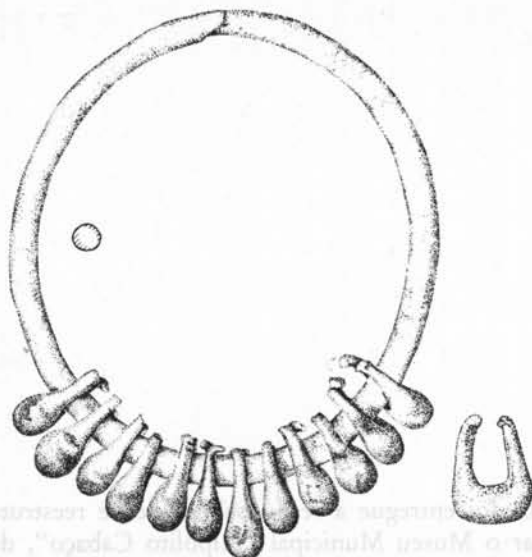


Fig. 1 — A xorca da serra das Ripas. Esc. 1:2.

Como imediata consequência da entrada do objecto no museu, procedeu-se à observação, de superfície, nos terrenos indicados como sendo os do achado.

Este trabalho resultou infrutífero, porquanto nada revelou de especial, tendo somente sido recolhida uma pequena esquirola de sílex, paleolítica, claramente sem qualquer ligação com o artefacto agora estudado.

Este facto pode levar a crer tratar-se de um objecto isolado ou que, uma possível tumulação foi totalmente destruída. Cremos ser de admitir, até novas observações, os dois considerandos.

Deve, ainda, ser levada em conta outra sugestão que é a de o objecto não ser proveniente do local indicado, embora para ali transportado, por razões que se desconhecem, em época anterior não determinável à do seu achado.

2. Não são raros os achados arqueológicos na região alenquerense.

Do período arqueológico a que atribuímos o objecto há vários exemplos, a que detalhadamente não nos iremos referir: a estação arqueológica da Pedra d'Ouro revelou mobiliário atribuível aos finais do Bronze e início do Ferro (além de outros). Do mesmo modo são de considerar diversos artefactos provenientes do Castro da Ota.

Uma recente descoberta de um "tesouro", nas proximidades de Pancas, revelou uma permanência de conhecedores do Ferro, fortemente romanizados, se não mesmo de artífices romanos ou gente já absorvida ^{2a}.

O Castro do Salvador, inédito, proporcionou objectos classificáveis do início do Ferro ^{2b}.

^{2a} *Tesouro da Arqueologia Portuguesa*, M.N.A.E.

^{2b} KALB, P., *Die Kelten in Portugal*, "Actas del II Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Peninsula Ibérica".

3. A “xorca” da serra das Ripas é de bronze ³, constituída por um aro quase circular, de secção redonda. O aro é fechado e dele pendem 12 “sanguessugas”, impedidas de se soltarem devido a encurvamento das pontas (foto 2).

Pesa 375,6 g e as suas dimensões são de 0,116 m × 0,142 m.

4. Uma análise de peças deste tipo ou afins, feita a partir de uma exaustiva consulta bibliográfica, permite afirmar que a maior parte delas são objectos não integrados em contextos arqueológicos, quer devido às condições do achado quer, também, devido a deficientes métodos de escavação, quando não, como é o caso da que motiva este estudo, são objectos encontrados isolados, fora de qualquer associação, até agora determinada.

Considera-se que as peças típicas deste tipo serão constituídas por 13 elementos, um aro e 12 “sanguessugas”, para usar a terminologia proposta pelo cónego Botto ⁴. Os autores espanhóis usam a designação de “*morcilla*” ou “*colgante amorcillado*”. Outras designações têm sido propostas para os elementos pendentes ou móveis das xorcas, tais como “*arrecadas*” ⁵, “*colgantes*” e “*morcillones*” ⁶, *chouricinhos* ⁷, etc.

Observando-se o mapa da fig. 2, nota-se de imediato a grande dispersão de achados de adornos deste tipo, por toda a península, e, certamente que no futuro muitos mais pontos poderão ser marcados, quer por novos achados quer pelo estudo dos acervos de alguns museus.

Abel Viana estaria equivocado quando diz que “*é um enfeite corporal exclusivo da parte meridional, na zona portuguesa, da Península Ibérica*” ⁸, engano somente na parte da afirmação de ser objecto característico de determinada zona geográfica, no resto a frase está correcta. Em outros estudos, alguns de colaboração, cita porém artefactos provenientes de Espanha. ⁹

³ Catálogo da exposição: “A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura”. Caetano de Melo Beirão e Mário Varela Gomes. Lisboa, 1980.

⁴ BOTTO, Cónego. Glossário crítico dos principais monumentos do Museu Archeológico Infante D. Henrique, Faro, 1889, XV+120 pp.

⁵ ROCHA, A. S., *Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira. Parte 1.^a — Santa Olaya, “Portugália”*, II, 3, Porto, 1905-1908, pp. 301-359.

⁶ FERNÁNDEZ CHICARRO, C., *Objetos de origen celtico en el Museo Arqueológico de Sevilla*, “Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional”, Madrid, 1957, Zaragoza, 1952, pp. 321-326, lam. XXXVII-XXXIX.

⁷ VASCONCELOS, J. L., *Estudos sobre a época do Ferro em Portugal*, “O Archéologo Português”, XXIV, 1920, pp. 99-107.

⁸ VIANA, A., *Quatro notáveis peças arqueológicas do Baixo Alentejo*, “XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências”, 7.^a secção, VIII, Coimbra, 1956, Coimbra, 1957, (c/sep.).

⁹ VIANA, A.; FERREIRA, O. V.; FORMOSINHO, J., *Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigação de 1948 e 1949*, “XII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências”, 7.^a sec., VII, Lisboa, 1950, pp. 75-89, 2 est.; VIANA, A.; FERREIRA, O. V.; FORMOSINHO, J., *Nuevas contribuciones para el conocimiento de la edad del bronce del Algarbe: las necrópolis de las Caldas de Monchique*, “Crónica del I Congreso Nacional de Arqueología del Sudeste”, Almeria 1949, Cartagena, 1950, pp. 88-94, 8 ests.; FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A., *Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique*, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, XIV, 1-4, Porto, 1953-54, pp. 66-225; VIANA, A., *Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*, “Arquivo de Beja”, XIII, Beja, 1956, pp. 110-167.

Apresentam-se muito divergentes as cronologias atribuídas às xorcas, ou são generalizadas a espaços de tempo pouco precisos, ou o uso da peça é variável conforme o local do achado, o que pressupõe divulgação ou transporte da moda.¹⁰

Quer-nos porém parecer que o uso do objecto se teria iniciado nos finais do Bronze, perdurando durante a época sidérica e mesmo mais, conforme sugestão de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares¹¹, quando interpretam a estratigrafia do Pedrão, Setúbal.

O achado "selado", de Sanchorreja, permite tirar a ilação de que este tipo de adorno estava sendo usado num período atribuível aos séculos VI e V.¹²

A cronologia que se propõe está de acordo com a do autor espanhol. Maluquer atribui ao Sudoeste peninsular o centro de dispersão do adorno, num dos seus estudos, e noutro opina que este tipo de "jóia" é de origem indígena, consequência de imitação, tosca, de objectos oriundos do Mediterrâneo.

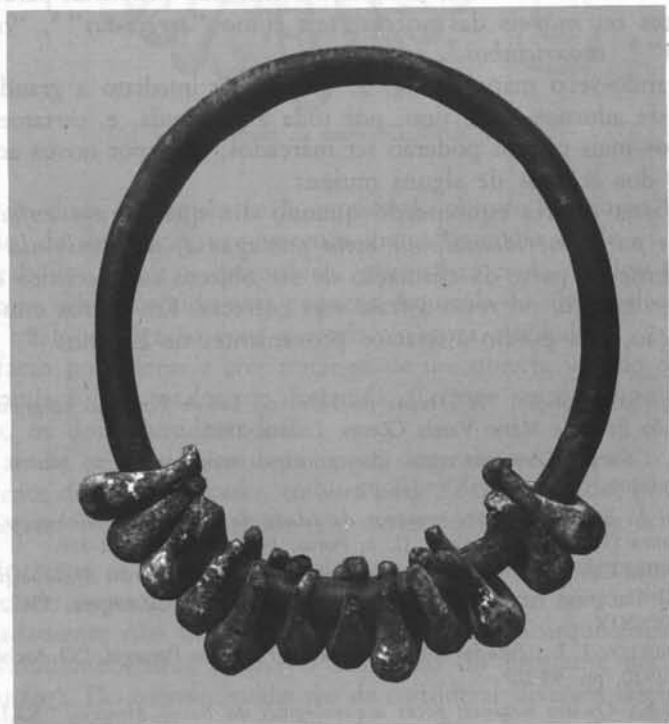


Fig. 2 — A xorca da serra das Ripas.

¹⁰ SCHÜLE, W., *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, "Madrider Forschungen", 3, 1969.

¹¹ SOARES, J.; SILVA, C. T., *Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal)*, "Actas II Jornadas Arqueológicas", Lisboa, 1972, I, A. A. P., Lisboa, 1973, pp. 245-306.

¹² MALUQUER DE MOTES, J., *Un interesante lote de bronce, hallado en el castro de Sanchorreja (Ánla)*, "Zephyrus", VIII, Salamanca, 1957, pp. 241-256.

A mesma hipótese, de origem indígena, é posta por Savory¹³, que recua a época de uso da xorca, situando-a entre 1000 e 700 a.C.

5. A grande maioria das xorcas, ou melhor, dos seus elementos pendentes ou “sanguessugas” são de bronze. Porém alguns autores citam objectos que nos querem parecer idênticos, feitos de outras matérias-primas, tais como o barro cozido das Necrópoles de Vagarosa e Alcaria (Caldas de Monchique),¹⁴ e

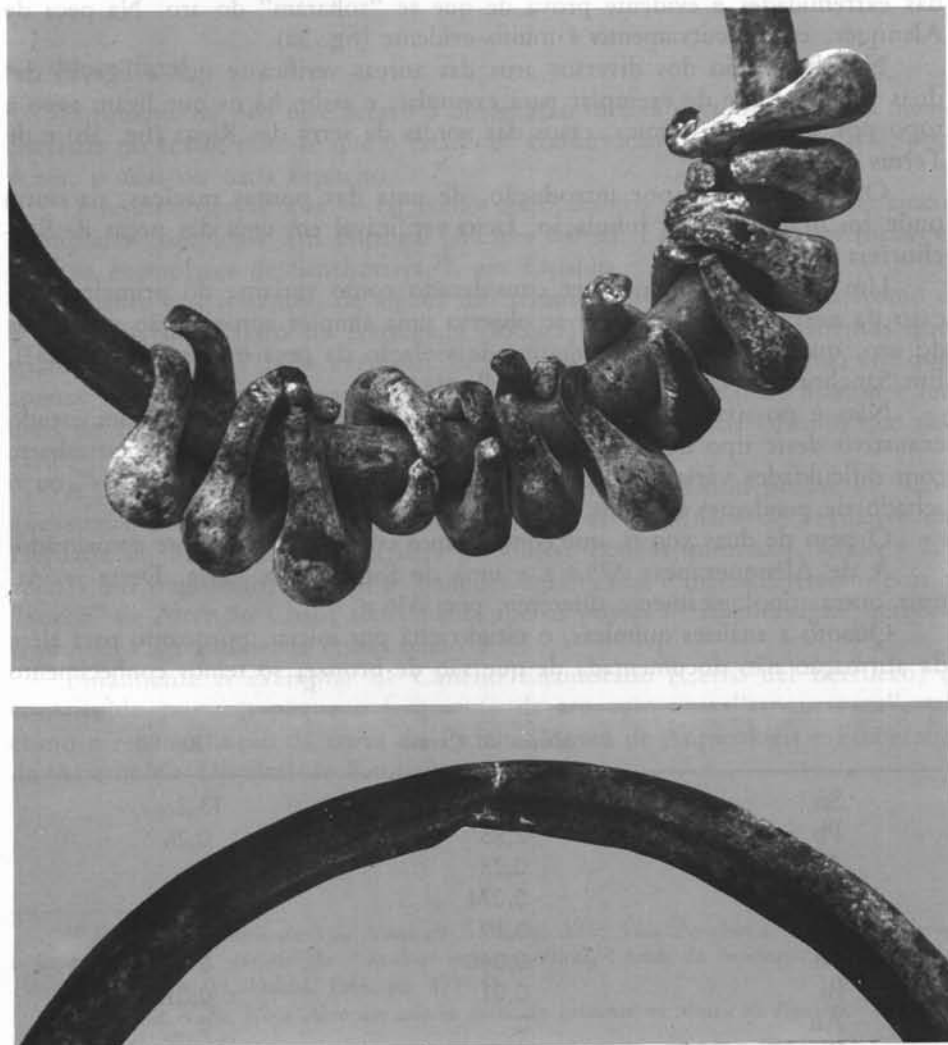


Fig. 3 — Pormenores da xorca da serra das Ripas.

¹³ SAVORY, H. N., *Espanha e Portugal*, Verbo, 1974.

¹⁴ VIANA, A.; FERREIRA, O. V.; FORMOSINHO, J., *Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações do Bronze, do ano de 1937 ao de 1949*, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, XV, 1-2, Porto, 1954, pp. 17-54.

vários de Sines (informação oral de Ph. Kalb). O ouro também foi usado (em exposição no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia). De prata é o elemento de Aliseda (Cáceres).¹⁵

Terá de se atender que todos os elementos considerados antes e que não são de bronze foram encontrados isolados (“sanguessugas”) e não em ligação com o aro.

Em muitas das peças pendentes encontradas isoladas, o típico encurvamento das extremidades é evidente prova de que se “soltaram” do aro. Na peça de Alenquer, este encurvamento é muito evidente (fig. 3a).

Na observação dos diversos aros das xorcas verifica-se que a ligação das duas pontas difere de exemplar para exemplar, e assim há os que ligam topo a topo por soldadura térmica, casos das xorcas de serra das Ripas (fig. 3b) e de Terras Frias.

Outros ligam-se por introdução, de uma das pontas maciças, na outra onde foi praticada uma tubulação, facto verificável em uma das peças de Sanchorreja (Ávila).

Um terceiro tipo pode ser considerado como variante do primeiro, é o caso da xorca de Lagoa, onde se observa uma simples aproximação dos topos do aro, que se não tocam (tentativa de violação da peça ou peça inacabada?). Em Sanchorreja ocorre exemplo semelhante.

Não é possível, com os elementos de que dispomos, tentar um estudo exaustivo deste tipo de adorno proto-histórico. Um estudo sistemático esbarra com dificuldades várias, tais como o variável número de “sanguessugas” ou o achado de pendentes isolados.

O peso de duas xorcas, que consideramos completas, é bastante aproximado.

A de Alenquer pesa 375,6 g e uma de Sanchorreja 334 g. Desta jazida, uma outra, tipologicamente diferente, pesa 156 g.

Quanto a análises químicas, o estudo está por iniciar, porquanto para além da afirmação não documentada de que são de bronze, só temos conhecimento

	Museu do Carmo	Rio Sil
Sn	10	13,2
Pb	2,85	0,26
As	0,28	0
Sb	0,074	0,44
Ag	0,19	0,048
Ni	0,046	0
Bi	0,01	0,015
Au	0	0
Zn	0	0
Co	0	0
Fe	0	0,26

¹⁵ MALUQUER DE MOTES, J., *op. cit.* (v. nota 12).

do estudo feito em dois pendentes, um do rio Sil (Espanha) e outro, de proveniência desconhecida, depositado no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa) ¹⁶.

Na página anterior, apresenta-se o quadro químico das duas peças.

Na descrição do objecto de Coz (Póvoa) o estudo químico limita-se a ser descrito como: “Não se fez a análise quantitativa; mas a presença do estanho, somente ligado com o cobre, indica o bronze” ¹⁷.

6. Nota final

Porquanto se não teve acesso à observação directa de todas as peças mencionadas no texto, nota-se que o estado de conservação das peças citadas é, por vezes, pouco ou nada explícito.

Deve-se observar que — tal como consideramos — só conhecemos cinco exemplares completos, em Portugal (Alcácer do Sal, Lagoa e serra das Ripas) e os dois exemplares de Sanchorreja ¹⁸, em Espanha.

Quanto aos restantes, de alguns não temos informações concretas, como é o caso dos do Castro de Azougada (Moura) de onde apenas sabemos que apareceram “xorcas”, do exemplar de Lara de los Infantes (Burgos) em que apenas se referencia ser maior que o do Museu Arqueológico de Madrid e ter mais de 10 “colgantes”. ¹⁹ De Alcácer do Sal também apenas sabemos que são vários ²⁰.

A “xorca” do Museu Arqueológico Nacional de Madrid possui 10 “sanguessugas”, a de Terras Frias (Beja) tem 9, as do Museu de Sevilha e da Herdade do Monte Redondo (Alter do Chão), (ambas quebradas, sendo a 2.^a apenas um fragmento) tiveram 8 “sanguessugas” cada, e dizemos tiveram pois a “xorca” de Alter do Chão, actualmente apenas possui 7 “sanguessugas” embora continue a ser publicada como tendo 8 ²¹.

Finalmente o exemplar de Cancho Enamorado (Cerro del Berrueco) é constituído por um pequeno fragmento de aro com uma “sanguessuga”, tal como a reconstituição da xorca do Pedrão (Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal).

¹⁶ PAÇO, A., *Castro de Vila Nova de S. Pedro. XIV. Vida Económica. XV. O problema campaniforme. XVI. Metalurgia e análises espectrográficas*, “Anais da Academia Portuguesa de História”, II série, 14, Lisboa, 1964, pp. 133-165.

¹⁷ ROCHA, A. S., *Nota sobre um adorno metálico existente no Museu da Figueira*, “Portugalia”, I, 3, pp. 592-593.

¹⁸ SCHÜLE, W., *op. cit.* (v. nota 10), publica desenhos destas duas peças apenas com 11 “sanguessugas”.

¹⁹ VIANA, A., *op. cit.* (v. nota 9).

²⁰ SCHÜLE, W., *op. cit.* (v. nota 10).

²¹ BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V., *A Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*, M. N. A. E., Lisboa, Novembro, 1980.

Número	Proveniência		Jazida	Objecto	Bibliografia
	Local	Provincia			
1	Montealegre	Pontevedra	■	U (1)	8
2	San Esteban de Rio Sil	Orense	▼	U (1)	22,26,30,33
3	Solarana	Burgos	■	U (1)	21
4	Lara de los Infantes	Burgos	▲	● (1)	12,23,27
5	?	(M.A.N. - Madrid)	?	U	
6	“Los Castillejos” (Sanchorreja)	Ávila	■	● (2)	12 25,28
7	Caparra	Ávila	?	U (1)	25,28
8	Cancho Enamorado (Cerro del Berrueco)	Salamanca	■	● (1)	31
9	Paredejas (Cerro del Berrueco)	Salamanca	■	U (1)	47
10	Solosancho	Ávila	?	U (1)	29
11	Candeleda	Ávila	?	U (2)	29
12	Puente de Mantible (Alconétar)	Cáceres	?	U (1)	28
13	Cerro de la Magdalena	Cáceres	?	U	28
14	?	Sevilha (?)	?	● (1) U (2)	16,17
15	Lagoa	Algarve	▲	● (1)	1,5
16	Monte da Mealha Nova (Ourique)	Baixo Alentejo	▲	U (4)	42
17	Cruzes (Ourique)	Baixo Alentejo	▲	U (1)	49
18	Mértola	Baixo Alentejo	?	U (1)	5
19	Terras Frias (Beja)	Baixo Alentejo	?	● (1)	20,23,24
20	Azougada (Moura)	Baixo Alentejo	■	●	25,28
21	Alcácer do Sal	Baixo Alentejo	▲	● U	6,7,15,41
22	Pedrão (Setúbal)	Estremadura	■	U (1)	45
23	?	(As. Arq. Port.)	?	U (1)	37
24	Serra das Ripas (Alenquer)	Estremadura	?	● (1)	49
25	Serra do Socorro (Torres Vedras)	Estremadura	■	U (1)	inédito ²²
26	Herdade do Monte Redondo (Alter-do-Chão)	Alto Alentejo	?	● (1)	9
27	Idanha-a-Velha	Beira Baixa	?	U (1)	inédito ²³
28	Póvoa (Coz)	Beira Litoral	▲	U (1)	2
29	Crasto (Tavarede)	Beira Litoral	■	U (3)	4,34
30	Santa Olaia	Beira Litoral	■	U (1)	3,34
31	Condeixa-a-Velha	Beira Litoral	?	U (1)	5
32	Briteiros	Minho	■	U (1)	39 ²⁴
33	Distrito de Bragança (?)	Trás-os-Montes	?	U (1)	44
34	Cendufe (Arcos de Valdevez)	Minho	■	U (1)	5

²² Informação oral de Rui Parreira.

²³ Informação oral de Philine Kalb.

²⁴ Segundo informação oral de Martin Höck, trata-se de um pendente deste tipo.

Sempre que o tipo de jazida ofereça dúvidas, aparecerá o respectivo símbolo apenas nos seus contornos.

À frente dos símbolos coloca-se, entre parêntesis, o número de objectos sempre que conhecido. Os números da bibliografia referem-se à lista bibliográfica em apêndice.

- | | |
|-----------------|-------------------|
| ▲ — sepultura | ● — xorca |
| ■ — castro | U — "sanguessuga" |
| ▼ — esconderijo | ? — desconhecido |

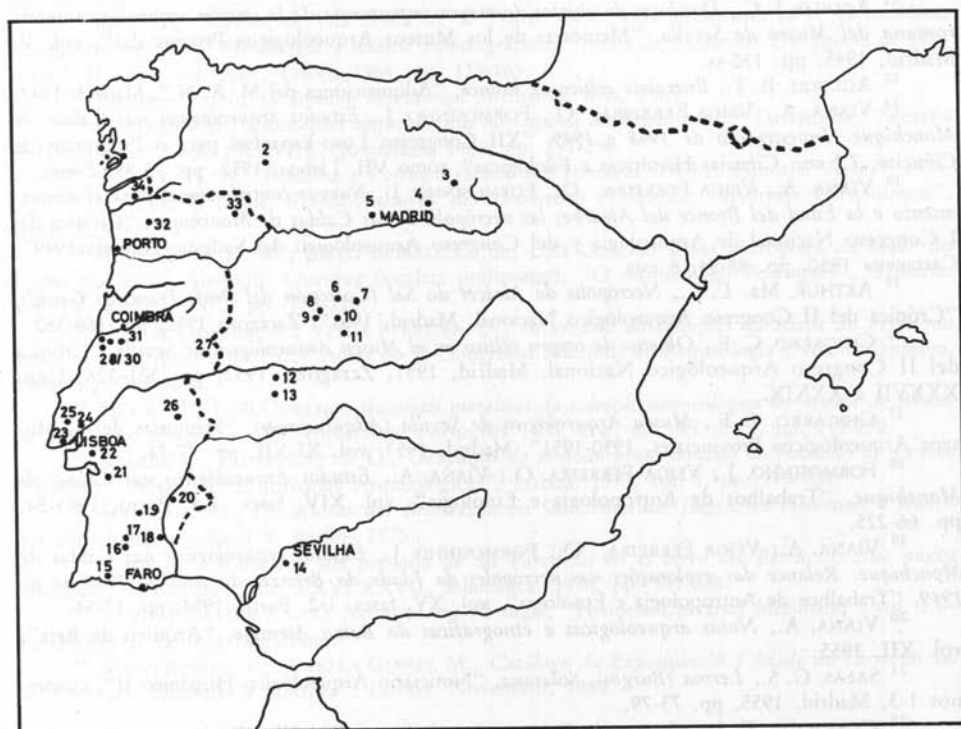


Fig. 4 — Localização das xorcas e elementos de xorca de bronze na península Ibérica. A numeração corresponde ao quadro 1.

Apêndice

Lista da Bibliografia consultada, estabelecida por ordem cronológica e referenciada a datas de publicação

- ¹ BOTTO, Mons. Cónego, *Glossário crítico dos principais monumentos do Museu Arqueológico D. Henrique*, Faro, 1889.
- ² SANTOS ROCHA, A., Nota sobre um adorno metálico existente no Museu da Figueira, “Portugália”, vol. I, fasc. 3, pp. 592-593.
- ³ SANTOS ROCHA, A., *Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira. Parte 1.^a — Santa Olaya*, “Portugália”, vol. II, fasc. 3, Porto, 1905-1908, pp. 301-359.
- ⁴ SANTOS ROCHA, A., *Estações pré-romanas nas vizinhanças da Figueira. Parte 2.^a — O Crasto*, “Portugália”, vol. II, fasc. 4, Porto, 1908, pp. 493-516, ests. XXXII a XXXVII.
- ⁵ LEITE DE VASCÓNCELOS, J., *Estudos sobre a época do Ferro em Portugal*, “O Arqueólogo Português”, vol. XXIV, 1920, pp. 99-107.
- ⁶ CORREIA, V., *Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal*, “Biblos”, vol. I, Coimbra, 1925, pp. 347-363.
- ⁷ CORREIA, V., *Escavações realizadas na necrópole pré-romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927*, “O Instituto”, vol. 75.^o, série 4.^a - vol. 4.^o, Coimbra, 1928, pp. 190-201.
- ⁸ LOSADA DIEGUEZ, D. A., *Excavaciones em Montealegre (Domayo). Provincia de Soria*, “Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades”, Memoria 90, Madrid, 1927.
- ⁹ LEITE DE VASCÓNCELOS, J., *Antiguidades do Alentejo*, “O Arqueólogo Português”, vol. XXVIII, 1927 a 1929, p. 177.
- ¹⁰ CORREIA, V., *As fíbulas da necrópole de Alcácer do Sal*, “Biblos”, vol. VI, Coimbra, 1930, pp. 504-509.
- ¹¹ AGUILÓ, J. C., *Dos lotes de objetos de mayor importancia de la sección arqueológica anterromana del Museo de Sevilla*, “Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales”, vol. V, Madrid, 1945, pp. 130-ss.
- ¹² AGUIRRE, B. T., *Brazaletes célticos de bronze*, “Adquisiciones del M. A. N.”, Madrid, 1947.
- ¹³ VIANA, A., VEIGA FERREIRA, O., FORMOSINHO, J., *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Investigação de 1948 e 1949*, “XII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, 7.^a sec. Ciências Históricas e Filológicas”, tomo VII, Lisboa, 1950, pp. 75-89, 2 ests.
- ¹⁴ VIANA, A., VEIGA FERREIRA, O., FORMOSINHO, J., *Nuevas contribuciones para el conocimiento e la Edad del Bronce del Algarbe: las necrópolis de las Caldas de Monchique*, “Crónica del I Congreso Nacional de Arqueología y del Congreso Arqueológico del Sudeste. Almería 1949”, Cartagena 1950, pp. 88-94, 8 ests.
- ¹⁵ ARTHUR, Ma. L. C., *Necrópolis de Alcácer do Sal (Colección del Prof. Francisco Gentil)*, “Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional, Madrid, 1951”, Zaragoza 1952, pp. 369-380.
- ¹⁶ CHICARRO, C. F., *Objetos de origen céltico en el Museo Arqueológico de Sevilla*, “Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional. Madrid, 1951, Zaragoza, 1952, pp. 321-326, Lam. XXXVII a XXXIX.
- ¹⁷ CHICARRO, C. F., *Museu Arqueológico de Sevilla (Adquisiciones)*, “Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales, 1950-1951”, Madrid, 1953, vol. XI-XII, pp. 47-74.
- ¹⁸ FORMOSINHO, J.; VEIGA FERREIRA, O.; VIANA, A., *Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique*, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, vol. XIV, fascs. 1-4, Porto, 1953-54, pp. 66-225.
- ¹⁹ VIANA, A.; VEIGA FERREIRA, O.; FORMOSINHO, J., *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique. Relance das explorações nas necrópoles da Idade do Bronze, do Ano de 1937 ao de 1949*, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, vol. XV, fascs. 1-2, Porto, 1954, pp. 17-54.
- ²⁰ VIANA, A., *Notas arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*, “Arquivo de Beja”, vol. XII, 1955.
- ²¹ SALAS, G. S., *Lerma (Burgos). Solarana*, “Noticiário Arqueológico Hispânico II”, cuadernos 1-3, Madrid, 1955, pp. 73-79.
- ²² CUEVILLAS, F. L., *Armas de Bronce ofrendadas al Rio Sil*, “Zéphyrus”, VI, Julio-Diciembre, Salamanca, 1955, pp. 233-240.
- ²³ VIANA, A., *Notas históricas*, “Arquivo de Beja”, vol. XIII, Beja, 1956, pp. 110-167.

- ²⁴ VIANA, A., *Quatro notáveis peças arqueológicas do Baixo Alentejo*, “XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências”, 7.ª secção, tomo VIII, Coimbra, 1957 (c/ sep.).
- ²⁵ MOTES, J. M. de, *Un interesante lote de bronzes, hallado en el Castro de Sanchorreja (Ávila)*, “Zephyrus VIII”, Julio-Diciembre, Salamanca, 1957, pp. 241-256.
- ²⁶ MONTEAGUDO, L., *Palafitos, problemas y leyendas*, “Revista de Dialectología y Tradiciones Populares”, vol. XIII, Madrid, 1957.
- ²⁷ MONTEVERDE, J. L., *Los Castros de Lara (Burgos)*, “Zephyrus IX”, 2, Julio-Diciembre, Salamanca, 1958, pp. 191-199.
- ²⁸ MOTES, J. M., *El Castro de los Castillejos de Sanchorreja*, “Temas Abulenses I”, Salamanca, 1958.
- ²⁹ PEREZ, A. M., *Los Yacimientos de la Edad del Hierro en Avila y sus Excavaciones Arqueológicas*, “Temas Abulenses, n.º 4”, Madrid, 1958.
- ³⁰ ALMAGRO, M., *Un nuevo depósito del Bronce Final hallado en San Esteban del Rio Sil*, “Memoria de los Museos Arqueológicos”, vol. XV, Madrid, 1958, pp. 21-26.
- ³¹ MOTES, J. M., *Excavaciones Arqueológicas en el Cerro del Berrueco (Salamanca)*, “Acta Salmanticensia, Filosofía y letras”, tomo XIV, n.º 1, Salamanca, 1958, pp. 91-92, lam. XV.
- ³² MOTES, J. M., *La fecha final de la cerámica excisa en la meseta española*, “Trabalhos de Antropologia e Etnologia”, vol. XVII, fascs. 1-4, 1959, pp. 167-173.
- ³³ ALMAGRO, M., *Inventaria Arqueológica*, “España”, fasc. 5, Madrid, 1960.
- ³⁴ SCHÜLE, W., *Vorformen von Fusszier und Armbrustkonstruktion an der Hallstadt-D-Fibeln*, *Madrider Mitteilungen*, 2, 1961, pp. 55-69.
- ³⁵ SCHUBART, H., *Atlantische Nietenkessel von der Pyrenäenhalbinsel*, *Madrider Mitteilungen*, 2, 1961, pp. 35-54.
- ³⁶ BRANDÃO, D. de P., *Achado da Época do Bronze de Vila Cova de Perrinho — Vale de Cambra*, “Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia”, Lucerna, vol. III, Porto, 1963, pp. 114-118.
- ³⁷ PAÇO, A., *Castro de Vila Nova de S. Pedro. XIV. Vida Económica. XV. O problema campaniforme. XVI. Metalurgia e análise espectrográficas*, “Anais da Academia Portuguesa de História”, II série, vol. XIV, Lisboa 1964, pp. 133-165.
- ³⁸ RIBEIRO, F. N., *O Bronze Meridional Português*, Beja, 1965.
- ³⁹ CARDOZO, M., *Escavações arqueológicas na Citânia de Briteiros (32.ª Campanha)*, “Revista de Guimarães”, vol. LXXVIII, Guimarães, 1968, pp. 291-296.
- ⁴⁰ SAVORY, H. N., *Espanha e Portugal (Spain and Portugal, 1969)*, “Editorial Verbo”, 1974.
- ⁴¹ SCHÜLE, W., *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel*, “Madrider Forschungen”, Band 3, 1969.
- ⁴² ALVES DIAS, M. M.; MELO BEIRÃO, C. de; LUÍS COELHO, *Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (notícia preliminar)*, “O Arqueólogo Português”, III série, vol. IV, Lisboa, 1970, pp. 175-219.
- ⁴³ VICTOR GUERRA, A., VEIGA FERREIRA, O., *Inventário das estações da Idade do Ferro nos arredores da Figueira da Foz*, “Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia”, vol. I, Coimbra, 1971, pp. 297-303.
- ⁴⁴ HÖCK, M.; LUÍS COELHO, *Materiais metálicos da colecção arqueológica do Museu de Abade de Baçal em Bragança*, “O Arqueólogo Português”, III série, vol. VI, 1972, pp. 219-250.
- ⁴⁵ SOARES, J., TAVARES SILVA, C., *Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal)*, “Actas das II Jornadas Arqueológicas”, Lisboa, 1973, vol. I, pp. 245-306.
- ⁴⁶ SCHUBART, H., *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*, “Madrider Forschungen”, Band 9, Berlin, 1975.
- ⁴⁷ PIÑEL, C., *Materiales del poblado de las Paredejas en el cerro del Berrueco: Una nueva arrecada*, “Zephyrus”, vol. XXVI-XXVII, Salamanca, 1976, pp. 351-368.
- ⁴⁸ VEIGA FERREIRA, O., *O Neolítico em Portugal*, “História Universal Meridiano”, vol. I — Pré-História, Editora Meridiano.
- ⁴⁹ MELO BEIRÃO, C.; VARELA GOMES, M., *Catálogo da Exposição: A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*, Lisboa, Novembro, 1980.

